

O papel dos estilos parentais, do bem-estar subjetivo dos pais e da educação pré-escolar no bem-estar subjetivo da criança

Ana Marlene Seita Guerreiro*
Luís Sérgio Vieira**

Resumo:

O principal objetivo do presente estudo foi explorar o papel dos estilos parentais e o do bem-estar subjetivo dos pais no bem-estar subjetivo da criança em idade pré-escolar. A estas variáveis, associamos outras relacionadas com o tempo e as atividades desenvolvidas na educação pré-escolar. Os resultados obtidos revelam uma associação entre níveis de bem-estar subjetivo das crianças e o dos seus pais, a que se associam influências, quer do estilo educativo parental quer da participação da criança na educação pré-escolar. Embora os resultados sugiram que os estilos parentais não desempenham um papel uniforme nas diversas dimensões do bem-estar subjetivo da criança, os mesmos resultados salientam a importância das práticas educativas do estilo democrático na promoção do bem-estar, da satisfação e do desenvolvimento da criança.

Palavras-chave:

Estilos parentais. Bem-estar subjetivo da criança. Bem-estar subjetivo dos pais. Educação pré-escolar.

Abstract:

The aim of this study was to explore the role of parenting styles and the subjective well-being of parents in subjective well-being of children in preschool age. In addition to these variables, we associate other variables related to the time and the activities in the preschool education. The results show an association between levels of subjective well-being of children and their parents, and influences of parental educational style and child participation in preschool education. Although the results suggest that parenting styles do not play a uniform role in various dimensions of subjective well-being of children, the results emphasize the importance of the educational practices of the democratic style in promoting well-being, satisfaction and child development.

Keywords:

Parenting styles. Children's subjective well-being. Parents' subjective well-being. Preschool education.

* > Educadora de Infância na Associação de Apoio à Criança "O Arco-Íris", Faro, Portugal. Mestre em Psicologia da Educação pela Universidade do Algarve, Portugal. E-mail: anamsguerreiro@hotmail.com.

** > Psicólogo, Doutor em Psicologia na especialidade de Psicologia da Educação. Professor Auxiliar na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Portugal. E-mail: lsvieira@ualg.pt.

Introdução

A Psicologia da Educação acolheu recentemente uma interessante vertente cuja perspectiva assenta numa educação mais positiva e apreciativa quanto ao ser humano, a Psicologia Positiva. Essa perspectiva reconhece a necessidade de os psicólogos adotarem uma prática mais aberta e apreciativa quanto às qualidades positivas da vida humana e ao potencial, motivações e capacidades do ser humano (SELIGMAN; CSIKSZENT-MIHALYI, 2000; SHELDON; KING, 2001). Nesse sentido, um melhor entendimento das condições ambientais e das virtudes pessoais que atuam como proteção das patologias e dos danos psicológicos poderá auxiliar a ação dos psicólogos junto dos que necessitam de apoio (GABLE; HAIDT, 2005) e, simultaneamente, servir de meio de proteção contra futuras patologias, podendo interrogar-se sobre o que ocorreu em determinada situação, generalizá-la e aplicá-la a outras pessoas em benefício das suas vidas (LINLEY; JOSEPH; HARRINGTON; WOOD, 2006).

O estudo do bem-estar subjetivo constitui um campo de investigação inerente ao objeto da Psicologia Positiva. Neste âmbito, procura compreender a forma como os indivíduos veem a si e aos outros e como avaliam as suas vidas, quer ao nível da sua satisfação global com a vida, quer ao nível das experiências emocionais positivas e negativas que manifesta (DIENER; LUCAS, 2000; DIENER; SUH; OISHI, 1997; DIENER; SUH; LUCAS; SMITH, 1999; PASSARELI; SILVA, 2007; SIQUEIRA; PADOVAM, 2008). Ao longo dos anos, os investigadores têm procurado definir o construto de bem-estar subjetivo com o intuito de obterem evidências que suportem a adoção de estratégias de intervenção promotoras de uma vivência prazerosa e adequadas a todos os indivíduos (DELLE FAVE; MASSIMINI; BASSI, 2011).

Na revisão da literatura que efetuámos, encontrámos uma grande quantidade de estudos sobre o bem-estar subjetivo com adultos e pessoas da terceira idade, mas poucas investigações dedicadas a crianças, particularmente em idade pré-escolar. Apesar disso, os investigadores começam a revelar interesse pelo bem-estar subjetivo infantil, procurando encontrar as evidências que permitam “semear”, desde cedo, virtudes pessoais como a esperança, a criatividade, a coragem, a sabedoria, a espiritualidade e felicidade que promovam um desenvolvimento psicológico, biológico e social saudável. Tal pretensão exige que o ponto de vista das crianças seja considerado, recorrendo-se às suas perspectivas, introspeções e experiências de interação com os outros e com o mundo. Este interesse científico está suportado, inclusive, nos princípios da *Declaração Universal dos Direitos da Criança* e da *Convenção Sobre os Direitos das Crianças*, os quais determinam um amplo conjunto de direitos fundamentais das crianças ao nível da saúde, do lazer e da educação e, ainda, ao nível da preconização de uma vida adequada ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social (GASPAR; MATOS; RIBEIRO; LEAL, 2006; SIXSMITH; GABHAINN; FLEMING; O’HIGGINS, 2007).

Porém, nomeadamente pela maior dificuldade que este processo acarreta, os estudos dedicados ao bem-estar subjetivo da criança mantêm-se escassos, constituindo um campo científico com muito ainda por explorar. Apesar da crescente preocupação com a problemática, são habitualmente os adultos que fornecem a informação que julgam necessária para essa avaliação e, os pais, os mais frequentemente considerados neste processo (e.g., SIXSMITH et al., 2007). Todavia, as descobertas dos investigadores (e.g., SIXSMITH et al., 2007; THOILLIEZ, 2011) reforçam a importância da recolha das perspectivas das crianças a partir delas próprias, ao invés de se atribuir aos adultos o papel de mediadores, no intuito de se melhorar a qualidade das respostas.

A preocupação em proporcionar à criança um desenvolvimento e uma educação mais positivos remete-nos, necessariamente, para a função da família, e, em especial, o

desempenho da parentalidade e as práticas parentais adotadas pelos pais. A essa preocupação associam-se, também, os contributos da educação pré-escolar. Uma aliciante e necessária linha de investigação é o estudo das forças, virtudes ou qualidades humanas na aprendizagem e no desenvolvimento; ou seja, uma perspectiva evolutiva centrada no desenvolvimento infantil que identifique os fatores e os caminhos que contribuem para a aquisição e manutenção de tais forças, virtudes e qualidades na idade adulta (PRIETO-URSÚA, 2006). Os investigadores acreditam que aprender como promover essas virtudes desde cedo, num trabalho conjunto com famílias, escolas e outras instituições, poderá facultar uma educação mais positiva, prevenindo-se eventuais problemas subsequentes em crianças geneticamente vulneráveis ou que vivam em ambientes menos favoráveis ao seu desenvolvimento (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000).

Nos anos oitenta, Susan Harter realizou uma importante investigação acerca das causas e consequências do desenvolvimento da autoestima em crianças e adolescentes, descobrindo que a felicidade constituía uma das quatro principais emoções reconhecidas pelas crianças. De acordo com os seus estudos, as crianças mais novas (de três anos de idade) já seriam capazes de entender claramente o significado de três emoções – feliz, triste e zangado – e, em alguns casos, uma quarta – assustado – bem como de dar exemplos singulares e adequados de situações ou experiências nas quais experimentaram esses sentimentos (THOILLIEZ, 2011).

Na década de noventa, Scott Huebner (2001) destaca-se pelo relevante contributo que deu ao ter desenvolvido a *Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças*, composta por cinco domínios de satisfação de vida (família, amigos, escola, ambiente onde vive e *self*), gerando um salto qualitativo no conhecimento do bem-estar subjetivo infantil.

Desde então, notou-se um interesse crescente dos investigadores, em nível internacional, pelo conhecimento científico do bem-estar da criança. Ao longo da última década, surgiram vários estudos e instrumentos para avaliar a percepção das crianças em relação à sua própria vida (REES; BRADSHAW; GOSWAMI; KEUNG, 2010). Nesta linha de estudo, destacam-se os trabalhos de diversos autores (e.g., BRADSHAW; KEUNG; REES; GOSWAMI, 2011; FERREIRA, 2005; GIACOMONI, 2002; GASPAR et al., 2006; GOSWAMI, 2012; LAHIKAINEN; TOLONEN; KRAAV, 2007; PARK, 2004; POLETO, 2011; SIXSMITH et al., 2007; THOILLIEZ, 2011).

Quanto aos fatores preditores do bem-estar subjetivo das crianças, parece haver um consenso entre a maioria dos investigadores. Descrevem-no como um construto multidimensional influenciado por diversas variáveis, tais como: características da própria criança e da família, estatuto socioeconómico, estilo parental, estresse parental e acontecimentos de vida (e.g., GASPAR et al., 2006). Embora as variáveis demográficas sejam consideradas nos diversos estudos consultados, a maioria dos autores denota uma fraca influência de fatores como a idade, o género, a profissão dos pais e a estrutura familiar na variação do nível de bem-estar subjetivo da criança (DIENER; LUCAS, 1999; GIACOMONI, 2002; HUEBNER, 1991). No entanto, alguns autores mencionam que o bem-estar subjetivo tende a ser inferior nas raparigas e a diminuir com o aumento da idade (BRADSHAW et al., 2011; REES et al., 2010; THOILLIEZ, 2011). Outros referem que os rapazes parecem revelar um bem-estar superior em nível pessoal e familiar (BRADSHAW et al., 2011).

De acordo com Giacomoni (2002), as crianças com maior satisfação com a vida tendem a possuir: “[...] uma visão de si mesmos mais positiva (autoestima), tendem a ser relaxadas e extrovertidas (não ansiosas) e tendem a acreditar que o que acontece consigo está sob seu próprio controlo (*locus* de controle interno)” (p. 85-86). Holder e Klassen (2010) especificam que as crianças mais sociáveis e menos tímidas, emotivas e ansiosas revelam uma maior felicidade. Por outro lado, as crianças com menor satisfação de vida estão em risco de desenvolver problemas psicológicos e sociais, como a depressão ou relações desajustadas com os outros (PARK, 2004).

Nos estudos que analisámos, os níveis de satisfação de vida das crianças apresentaram-se mais fortemente associados com os relacionamentos interpessoais (relações com pais e com os pares) (BRADSHAW et al., 2011; GIACOMONI, 2002; GOSWAMI, 2012; PARK, 2004; TERRY; HUEBNER, 1995). Por exemplo, Lahikainen e colaboradores (2007) mencionam que o bem-estar subjetivo é socialmente interativo, produzido e mantido através de relacionamentos contínuos e das interações diárias com os outros. Assim, as experiências satisfatórias com os outros são internalizadas e inscritas na memória da criança, tornando-se uma fonte interna de satisfação tanto no presente como, também, no futuro, enquanto adultos. Quando as experiências são insatisfatórias, o resultado tende a ser contrário. Para os mesmos autores, uma resposta adequada dos cuidadores, promotora de bem-estar na criança, é constituída e determinada pela qualidade e quantidade dos cuidados prestados, quer em nível da alimentação, higiene, do asilo, diálogo e da presença; quer pela oportunidade que proporciona à criança de se sentir confiante na sua própria capacidade de ajustar adequadamente os contextos envolventes às suas diversas necessidades, de lidar com as inseguranças e os desafios do quotidiano e de antecipar o futuro de forma confiável.

Entre os domínios do relacionamento interpessoal, o contexto familiar (em especial nos primeiros anos de vida) é aquele que se mostra mais importante para a satisfação global da vida das crianças (BRADSHAW et al., 2011; GIACOMONI, 2002), revelando-se inclusivamente um fator consistente nos estudos realizados em diferentes culturas (PARK, 2004). A família desempenha um papel central na prestação de cuidados e proteção da criança, por um lado, porque constitui a rede básica com que esta interage diariamente desde os primeiros anos de vida e, por outro lado, porque em todas as sociedades é aos pais que é atribuída a principal responsabilidade pela educação das crianças (LAHIKAINEN et al., 2007). Os resultados das recentes investigações efetuadas por Thoilliez (2011) revelaram que 33.23% das crianças associaram a felicidade à vida familiar. A literatura salienta o papel da estrutura familiar no bem-estar subjetivo das crianças. As investigações de Bradshaw e colaboradores (2011) referem que, geralmente, as crianças que vivem em famílias nucleares apresentam maiores níveis de bem-estar. Porém, também adiantam que o facto de as crianças viverem em famílias monoparentais não tem um impacto significativo na criança. Também, parecem não existir diferenças no bem-estar pelo facto de as crianças viverem ou não com irmãos, ou numa família adoptiva (REES et al., 2010).

As investigações de Lahikainen e colaboradores (2007) indicaram, igualmente, que as crianças são sensíveis ao estresse e à falta de bem-estar dos pais, mostrando uma clara ligação entre os comportamentos da criança e o estresse parental, e revelando que a dependência da televisão e a falta de concentração se apresentam como reações gerais possíveis. De acordo com Rosenberg (2010), uma família feliz apoia e encoraja o crescimento de cada um dos seus membros, respeitando o espaço de cada um e promovendo em simultâneo a união. Para o mesmo autor, alguns segredos-chave estão na efetiva comunicação, no tempo de interação (e.g., refeições em família, atividades conjuntas), na capacidade de resolução de problemas em conjunto e na harmonia na relação entre os pais. Apoiar e promover famílias positivas, encorajando a adoção de uma parentalidade democrática e uma efetiva comunicação entre os seus membros, evidenciando o suporte emocional e instrumental são algumas das formas de promover a satisfação e o bem-estar nas crianças (PARK, 2004).

A literatura também aponta para a influência da família sobre as amizades das crianças. Constata-se que “Os pais influenciam as amizades de seus filhos pela forma como estruturam sua vida e rotina diária, pelas suas próprias amizades, através de seus conflitos, pela qualidade da relação entre eles e seus filhos e até mesmo o relacionamento com os irmãos” (GARCIA, 2005, apud POLLETO, 2011, p. 25).

Segundo Giacomoni (2002), os acontecimentos de vida classificados como positivos pelas crianças estão relacionados com a família, o lazer, o receber presentes, o brincar e a escola. Já os eventos considerados negativos, referem-se à saúde, ao desentendimento familiar, à inimizade, à privação, à morte e aos problemas na escola. Os pais, como primeira base social dos filhos, têm grande influência no seu processo de desenvolvimento social, cognitivo e psicológico, sendo responsáveis por transmitir as primeiras informações e interpretações sobre o mundo (SALVADOR; WEBER, 2005). De acordo com Park (2004), proporcionar às crianças oportunidades de experienciarem eventos positivos diariamente, em família, com os amigos, na escola e na comunidade poderá ter um efeito cumulativo na construção da satisfação com a vida e num desenvolvimento mais positivo.

Ferreira (2005), no estudo acerca da percepção de qualidade de vida que realizou com crianças dos quatro aos seis anos, concluiu que as suas preocupações se centravam em primeiro lugar com o brincar (ócio e atividades recreativas), em segundo com a afetividade dos pais (relações interpessoais) e em terceiro com a sua casa (bem-estar material). A atividade parece de facto emergir como um preditor da felicidade nas crianças e, tal facto, poderá estar associado aos benefícios físicos e psicológicos que a mesma proporciona, como o aumento da energia, a diminuição dos níveis de ansiedade e dos sintomas de depressão. A frequência e o tempo despendido nas atividades, bem como a sua intensidade parecem ser também muito importantes (HOLDER; KLASSEN, 2010).

Estudos longitudinais referem a participação em atividades extracurriculares, como desportos de equipa, e o envolver-se em atividades significantes e desafiadoras para a maior satisfação com a vida das crianças, como mecanismos de prevenção de problemas de internalização (depressão) e externalização (delinquência), especialmente em crianças com relações parentais desequilibradas (PARK, 2004).

Depois da perspectiva sob a influência psicanalítica, que considerava a educação parental ideal, aquela que era regulada em torno dos desejos naturais da criança e da ilimitada satisfação das suas necessidades, passou-se para uma abordagem assente numa diminuição da tolerância e no estabelecimento de limites (BAIÃO, 2008; BAUMRIND, 1966). Para Montandon (2005), assiste-se atualmente, no ocidente, a uma alteração nas relações de poder entre pais e filhos, verificando-se a prevalência de dois tipos de atuação: uma baseada na imposição e no controlo, e outra alicerçada na participação e na negociação.

Nos finais dos anos sessenta, Baumrind (1966) apresenta um modelo teórico composto por três protótipos de controlo parental: estilo permissivo, estilo autoritário e estilo democrático.

No estilo permissivo, o padrão parental caracteriza-se por um nível baixo de controlo e de exigência, mas com um nível razoável de afeto e de autonomia (BAIÃO, 2008). Os pais permissivos tendem a agir de forma não punitiva e receptiva perante os impulsos, desejos e comportamentos dos seus filhos. Esses pais fazem poucas exigências no nível da responsabilidade nas tarefas domésticas e do comportamento da criança. Permitem à criança gerir autonomamente as suas próprias atividades, evitam o exercício do controlo e não encorajam a criança a obedecer a normas definidas. Tentam empregar a razão e a manipulação, mas não utilizam o poder para atingir os seus fins (BAUMRIND, 1996; WEBER; PRADO; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004). Os pais permissivos apoiam bastante a criança, aceitando todos os seus desejos, mas exercem um controlo fraco, exigindo pouco da mesma (MONTANDON, 2005).

No estilo autoritário, o padrão parental caracteriza-se por um nível elevado de controlo, mas um baixo nível de afeto e vinculação aos filhos (BAIÃO, 2008). Os pais autoritários procuram moldar, controlar e avaliar o comportamento e as atitudes da criança, de acordo com um padrão rígido de normas de conduta estabelecidas, geralmente motivadas e formuladas por uma autoridade superior absoluta. Valorizam a obediência como uma virtude e apoiam a punição e as medidas rigorosas para coibir a vontade

própria da criança quando os comportamentos ou as crenças desta colidem com o que estes pensam que deve ser uma conduta aceitável. Não encorajam o diálogo ou a troca de opiniões, acreditando que os filhos devem aceitar a palavra dos pais como aquilo que está certo (BAUMRIND, 1966; WEBER et al., 2004). Nesse modelo, os pais controlam muito mas apoiam pouco a criança, educando sem a possibilidade de discussão das regras impostas (MONTANDON, 2005).

No estilo democrático, o padrão parental caracteriza-se por um nível elevado de controlo, de exigência e de encorajamento positivo da autonomia da criança, mas também um nível elevado de comunicação (BAIÃO, 2008). Os pais democráticos procuram direccionar as atividades da criança de uma forma racional, encorajam o diálogo e a troca de ideias e partilham com a criança as razões das regras familiares impostas, solicitando as suas objeções quando esta se recusa a conformar. A autonomia e a coerência são valorizadas por esses pais. Além disso, valorizam as qualidades presentes na criança, mas também estabelecem padrões para condutas futuras. Utilizam a razão, o poder e a moldagem, através da conduta e do reforço para atingir os seus objetivos e não baseiam as suas decisões em consensos grupais ou nos desejos individuais da criança (BAIÃO, 2008; BAUMRIND, 1966; WEBER et al., 2004). Nesse modelo, os pais são exigentes e atentos, simultaneamente controlando e apoiando os seus filhos, estabelecendo regras mas também encorajando sua independência. E, a maioria dos estudos confirma que a conduta dos pais em relação aos filhos pode, de facto, afetar todo o seu desenvolvimento (MONTANDON, 2005).

De acordo com Borges (2010), as práticas parentais têm um efeito direto no desenvolvimento de comportamentos específicos das crianças (desde o comportamento à mesa ao desempenho escolar) e nas características (como a aquisição de determinados valores ou autoestima), acabando por ser os mecanismos através dos quais os pais ajudam, diretamente, as crianças a obter os seus objetivos de socialização. Assim, o estilo parental adotado pelas famílias influencia a forma como a criança se socializa com os próprios pais e com os pares, podendo desenvolver tanto comportamentos pró-sociais como antissociais, dependendo da frequência e intensidade com que os pais o utilizam (BAIÃO, 2008).

Os estudos realizados por Baumrind acerca dos efeitos das atitudes e dos comportamentos parentais nas características das crianças revelam, também, uma associação entre o estilo parental e a competência social da criança, sendo o estilo parental democrático o mais positivo, por revelar-se promotor de maior assertividade, maior maturidade, conduta independente e empreendedora e responsabilidade social (CORREIA, 2008). Outros estudos efetuados em torno dos efeitos dos estilos parentais mostram que o estilo parental democrático é aquele que gera filhos com melhores níveis de ajustamento psicológico e comportamental, mais competentes e confiantes nas suas capacidades (e.g., autoestima, independência, altruísmo) (BRÁS, 2008). Os filhos de pais que adotam o estilo parental autoritário revelam maiores dificuldades na escola e no relacionamento com os outros, exteriorizando uma baixa autoestima e manifestando tanto comportamentos de externalização (agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentira) como de internalização (retração social, depressão, ansiedade) (MONTANDON, 2005; WEBER et al., 2004). Os filhos de pais permissivos tendem a ser antissociais, tristes, frustrados, inseguros e desorientados, podendo mais facilmente manifestar problemas de comportamento (como a delinquência), baixo rendimento escolar, sintomas depressivos, baixa autoestima, atraso no desenvolvimento, problemas afetivos e maior índice de estresse (BRÁS, 2008; SALVO; SILVARES; TONI, 2005). A superproteção, rejeição e falta de afeto dos pais, por vezes associados a problemas depressivos, podem gerar na criança sentimentos de medo e frustração (SAMPAIO, 2007). A quantidade de tempo e atenção que os pais podem dedicar aos seus filhos revela-se um fator fundamental para o bem-estar da criança.

Curiosamente, o efeito do estilo parental adotado também parece variar de acordo com o género da criança. O padrão permissivo parece fomentar resultados mais negativos

nos rapazes e o estilo parental autoritário resultados mais negativos nas meninas. Relativamente ao estilo parental democrático, os meninos revelam-se amigáveis, cooperativos, sociáveis e orientados para o sucesso, não sendo, no entanto, tão dominantes e independentes como seria desejável e as raparigas mostram-se independentes, orientadas para a concretização de objetivos e, embora amigáveis, não muito obedientes (CORREIA, 2008).

Segundo Park (2004), a satisfação com a vida das crianças parece, também, interceder nos efeitos dos estilos parentais, pois, embora a falta de apoio emocional e instrumental dos pais esteja na base de comportamentos problemáticos, esta tem revelado impacto menor em crianças com maior satisfação com a vida.

Alguns autores (e.g., SALVADOR; WEBER, 2005) afirmam que quando a criança se sente amada pelos seus pais e vive num ambiente caloroso e acolhedor, compreende melhor os seus valores morais e aceita mais facilmente as suas orientações e punições, uma vez que sabe que estes estão agindo com amor e preocupação.

Considerando a escassez de estudos sobre o bem-estar subjetivo infantil que procurem investigar a forma como a criança interpreta as suas próprias emoções e a sua própria vida, com o propósito de contribuir para a compreensão do papel das práticas parentais no desenvolvimento e no bem-estar subjetivo da criança, emergiu a oportunidade de realizarmos o presente estudo, tendo como ponto de partida as seguintes interrogações: Em que medida o estilo educativo parental influencia o bem-estar subjetivo da criança em idade pré-escolar? Estará o nível de bem-estar subjetivo da criança associado ao índice de bem-estar subjetivo dos seus progenitores? Em que medida o tempo passado na escola e as atividades extracurriculares contribuem para o bem-estar das crianças?

Desse modo, o presente estudo, tendo como foco o papel dos estilos parentais no bem-estar subjetivo da criança, pretende avaliar a influência das variáveis sociodemográficas, da família (estilo parental, bem-estar subjetivo dos pais) e de aspetos relacionados com a atividade diária das crianças (atividades extracurriculares, tempo de permanência na instituição escolar) no bem-estar subjetivo das crianças. Neste âmbito, definimos, ainda, os seguintes objetivos específicos: (1) avaliar o índice de bem-estar subjetivo de crianças em idade pré-escolar; (2) caracterizar práticas parentais dos pais de crianças em idade pré-escolar; (3) avaliar a associação entre o bem-estar subjetivo da criança com o bem-estar subjetivo dos pais e com os seus estilos parentais.

Método – Participantes

Participaram deste estudo 55 crianças, de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os quatro ($n=31$; 56.4%) e os cinco ($n=24$; 43.6%) anos de idade e seus respetivos pais (o pai, a mãe ou ambos) ou substitutos que residem com elas e participam diretamente na sua educação. Por motivos de não devolução dos instrumentos distribuídos, a amostra de cuidadores ficou constituída por 51 participantes: 43 (84,3%) mães, sete (13,7%) pais e uma (2%) avó. A média de idade das crianças é de 4.44 ($DP = .50$) anos. Quanto à distribuição pelo género, 28 (50.9%) crianças da amostra são do género feminino e 27 (49,1%) são do género masculino, numa distribuição equitativa em ambas as idades. A idade dos pais oscila entre 26 e 50 anos de idade, e a idade das mães varia entre 25 e 46 anos. A média de idade dos pais é de 37.57 ($DP = 5.11$) e a das mães é de 36.33 ($DP = 4.64$). Inclui-se, na amostra, um respondente com 64 anos que ocupa o lugar de substituto do pai, a avó materna. Observamos que a maioria das crianças (69,2%) permanece entre sete e nove horas no jardim-de-infância.

Instrumentos

Selecionámos a *Escala de Afeto Positivo e Negativo para Crianças* construída por Giacomoni (2002), por esta avaliar a dimensão afetiva do bem-estar subjetivo das crianças, através de adjetivos descritores de afeto positivo e negativo. A *Escala* é composta por 34 itens, que descrevem diferentes sentimentos ou emoções, os quais se agrupam em duas subescalas independentes, constituídas por dezessete itens cada: afetividade positiva e afetividade negativa.

A *Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças* que utilizámos foi construída por Giacomoni (2002) e é composta por cinquenta itens (frases) que pretendem avaliar as percepções subjetivas da satisfação de vida das crianças através de seis domínios específicos: o *self*, que avalia características positivas, como a autoestima, o bom humor, a capacidade de relacionar-se e a capacidade de demonstrar afeto; o *self* comparado, que descreve avaliações comparativas em relação aos seus pares, relacionadas com o lazer, a amizade e a satisfação de desejos e afetos; a não violência, que avalia conteúdos relacionados com comportamentos agressivos; a família, que avalia indicadores de um ambiente familiar saudável, harmónico, afetivo, de relacionamentos satisfatórios, bem como indícios de satisfação quanto à diversão; a amizade, que avalia os relacionamentos com pares e o nível de satisfação, bem como posições relativas ao lazer, às situações de diversão e ao apoio; e a escola, que avalia a importância da escola, o ambiente escolar, os relacionamentos interpessoais e o nível de satisfação em relação à escola/jardim-de-infância.

A *Escala de Afetos Positivos e Negativos* que utilizámos é uma adaptação da versão original da *Positive and Negative Affect Schedule* – PANAS (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988), realizada por Galinha e Pais-Ribeiro (2005) para a população portuguesa. Essa *Escala* tem como finalidade avaliar a dimensão afetiva do bem-estar subjetivo através de vinte itens (afetos/emoções) agrupados em duas subescalas independentes constituídas por dez itens cada. Tendo em conta que a sua aplicação exige a escolha de uma citação temporal, foi pedido aos sujeitos que classificassem em que medida experienciaram “ultimamente” cada uma das emoções/sentimentos.

A *Escala de Satisfação com a Vida* que utilizámos é uma adaptação da *Satisfaction With Life Scale* – SWLS (DIENER; EMMONS; LARSEN; GRIFFIN, 1985) para a população portuguesa construída por Simões (1992). Essa *Escala* pretende avaliar a dimensão cognitiva do bem-estar subjetivo e é constituída por cinco itens, em que se analisa a concordância ou discordância do respondente com esses mesmos itens, numa escala *likert* de cinco pontos.

O *Questionário de Estilos e Dimensões Parentais* (QEDP) que utilizámos é a versão reduzida do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* (PSDQ – Short Form), adaptado para a população portuguesa por Miguel, Valentim e Carugati (2009). Este instrumento destina-se a pais de crianças em idade pré-escolar e tem como finalidade avaliar os estilos parentais dos respondentes, de acordo com as tipologias estabelecidas por Baumrind (1966), estilo democrático, estilo autoritário e estilo permissivo, bem como as práticas parentais específicas que ocorrem no contexto dessas mesmas tipologias. A versão portuguesa do QEDP mantém-se fiel ao texto original e preserva o sentido dos 32 itens, que estão agrupados de acordo com os três estilos parentais: democrático, autoritário e permissivo.

Procedimentos

Obtido o consentimento dos órgãos diretivos da instituição educativa e dos pais, na sequência da apresentação dos objetivos da investigação e da explicação do procedimento de recolha de dados, procedemos à entrega dos instrumentos de avaliação destinados aos pais e realizámos as entrevistas de aplicação individual da bateria aos respetivos filhos, na

instituição educativa. Todas as escalas e os questionários foram previamente testados de modo a averiguarmos a facilidade de compreensão das questões e do vocabulário utilizado por parte das crianças. A aplicação dos questionários teve a duração média de quinze minutos.

Antevendo-se eventuais dificuldades, manifestamente compreensíveis, por parte das crianças de quatro e cinco anos em fornecer a sua resposta através de uma escala de *likert* constante nos questionários que selecionámos, optámos, fundamentados nos resultados observados por diversos autores (e.g., CHAMBERS; JOHNSTON, 2002; LAERHOVEN; ZAAG-LOONEN; DERKX, 2004), por complementá-la com uma graduação de cinco círculos da mesma cor (do menor ao maior tamanho) correspondendo cada um a um nível da escala de cinco pontos, que facilitasse a compreensão das crianças e não compromettesse a validade dos questionários aplicados. Essa escala mostrou-se eficaz, uma vez que a criança desta faixa etária, familiarizada com as formas geométricas (no caso, o círculo) e os tamanhos, associa a dimensão dos círculos com a “dimensão da sua felicidade”.

Resultados

A análise descritiva dos resultados na amostra das medidas aplicadas neste estudo permite-nos verificar o seguinte (Tabela 1): no domínio dos pais, verificámos que os participantes obtêm pontuações superiores na afetividade positiva ($M=33.20$; $DP=6.41$), comparativamente às obtidas na afetividade negativa ($M=14.45$; $DP=3.93$) e, por sua vez, apresentam uma média de 19.60 ($DP=4.24$) pontos na escala da satisfação com a vida.

Tabela 1 - Estatística descritiva dos resultados da amostra obtidos nas diversas medidas aplicadas¹.

Variáveis	Medidas	Mín	Máx	M	DP
Bem-Estar Subjetivo dos pais	Afetividade positiva (PA.P)	21	48	33.20	6.41
	Afetividade negativa (NA.P)	10	24	14.45	3.93
	Satisfação com a vida (SV.P)	8	25	19.60	4.24
Bem-Estar Subjetivo das crianças ¹	Afetividade positiva (PA.C)	48	82	66.83	8.31
	Afetividade negativa (NA.C)	17	74	41.65	12.88
	Satisfação com a vida (SW.C)				
	Self (SV.C_S)	2.50	5.00	4.24	.61
	Self Comparado (SV.C_SC)	1.00	5.00	3.07	1.07
	Não violência (SV.C_NV)	1.00	4.75	2.13	1.08
	Família (SV.C_F)	2.36	5.00	4.12	.58
	Amizade (SV.C_A)	2.70	4.80	3.98	.51
	Escola (SV.C_E)	2.29	5.00	4.29	.68
Estilo Parental ¹	Estilo democrático (EPD)	3.33	4.93	4.39	.46
	Estilo autoritário (EPA)	1.17	2.33	1.79	.26
	Estilo permissivo (EPP)	1.00	3.80	2.05	.55

¹Os resultados apresentados nesta variável é a média dos resultados dos itens que integram cada medida.

Fonte: Esta tabela resulta de colecta da amostra apresentada neste mesmo artigo.

Relativamente ao domínio do bem-estar subjetivo das crianças, os resultados da medida PANAS, indicam valores mais elevados para a afetividade positiva ($M=66.83$; $DP=8.31$) do que para a afetividade negativa ($M=41.65$; $DP=12.88$). Quanto à escala de satisfação com a vida, observamos pontuações superiores nas dimensões da escola ($M=4.29$; $DP=.68$), do *self* ($M=4.24$; $DP=.61$), da família ($M=4.12$; $DP=.58$) e na amizade ($M=3.98$; $DP=.51$); pontuações de uma ordem de grandeza ligeiramente mais baixa na escala do *self*

comparado ($M=3.07$; $DP=1.07$); e, por último, pontuações abaixo do ponto intermédio na dimensão da não violência ($M=2.13$; $DP=1.08$).

Quanto aos estilos parentais adotados pelos pais, os resultados das medidas apontam para um predomínio do estilo parental democrático ($M=4.39$; $DP=.46$), verificando-se pontuações bastante mais baixas para os estilos parentais permissivo ($M=2.05$; $DP=.55$) e autoritário ($M=1.79$; $DP=.26$).

Os resultados das medidas analisadas sugerem-nos que as crianças que participaram deste estudo manifestam sentimentos positivos em relação à avaliação que fazem da sua vida, bem como os seus pais. Esses manifestam, ainda, uma maior orientação para a adoção de práticas educativas parentais de estilo democrático. Deduzimos, também, pela análise das respostas das variáveis da dimensão cognitiva do bem-estar subjetivo das crianças, que as dimensões da satisfação com a vida em que expressam maior contentamento estão conotadas com a importância dos relacionamentos interpessoais que a escola proporciona; as características subjetivas positivas como autoestima, bom humor, capacidade de se relacionar e demonstrar afeto aos outros; o ambiente familiar saudável e harmónico e a satisfação no relacionamento com os pares.

Da análise de variância de resultados nas medidas de bem-estar subjetivo da criança, através da técnica estatística não paramétrica do Teste U de Mann-Whitney, não resultaram evidências estatísticas significativas, com exceção do resultado na dimensão *família* ($Z=-2.009$; $p=.045$), com valores mais elevados nos meninos (mean rank= 31.94) quando comparados com as meninas (mean rank= 23.38).

Na análise à direccionalidade e à intensidade das correlações (Tabela 2), verificámos que as relações são no sentido esperado e que os índices são tendencialmente fracos, embora se observe a presença de algumas correlações estatisticamente significativas, maioritariamente ao nível de $p<0.05$. A afetividade positiva das crianças correlaciona-se com a afetividade positiva ($r=.34$), a satisfação com a vida ($r=.38$) e, em sentido inverso, com a afetividade negativa dos pais ($r=-.31$) e o estilo parental autoritário ($r=-.34$). A dimensão do *self* na satisfação com a vida das crianças revela uma correlação moderada com a satisfação com a vida dos pais ($r=.38$) e uma relação de idêntica intensidade, mas em sentido negativo, com o estilo parental autoritário ($r=-.30$). A dimensão do *self* comparado apresenta-se inversamente correlacionada com o estilo parental democrático ($r=-.30$). E, por último, a dimensão da amizade correlaciona-se com a afetividade positiva ($r=.29$) e a satisfação com a vida ($r=.29$) dos pais.

Tabela 2 - Correlação de resultados entre o bem-estar subjetivo das crianças com o bem-estar dos pais e os estilos parentais.

Medidas	Pais					
Crianças	PA	NA	SV	EPD	EPA	EPP
Afetividade positiva	.34*	-.31*	.38**	.25	-.34*	-.12
Afetividade negativa	-.08	.00	-.05	-.14	.26	.17
Satisfação com a vida:						
Self	.27	-.16	.38**	.24	-.30*	-.22
Self Comparado	.04	.05	-.13	-.30*	.15	.28
Não violência	.02	-.08	-.07	-.14	.09	.16
Família	.14	-.02	-.05	.23	-.17	-.25
Amizade	.29*	-.21	.29*	.04	-.14	.12
Escola	.27	-.13	.27	.27	-.21	-.21

* $p < 0.05$

Fonte: Esta tabela resulta de colecta da amostra apresentada neste mesmo artigo.

No sentido de testarmos o principal objetivo deste estudo, elaborámos uma equação de regressão múltipla, em que considerámos as três variáveis de estilo educativo parental,

duas variáveis de tempo de interação pais-filhos (interação diária e ao fim de semana) e duas variáveis de contexto educativo: o tempo diário de permanência no jardim-de-infância e o envolvimento da criança em atividades educativas extracurriculares, que entraram como variáveis independentes. As oito variáveis do bem-estar subjetivo da criança (afetividade positiva, afetividade negativa e satisfação com a vida – *self*, *self* comparado, não violência, família, amizade e escola) foram consideradas, individualmente, como variáveis dependentes.

A leitura dos resultados das regressões múltiplas, através do método *Stepwise* (Tabela 3), revela-nos que as variáveis que contribuem de modo estatisticamente significativo para explicar a variância de resultados no bem-estar subjetivo da criança, se alteram em função da variável dependente em análise, o que é consentâneo com o distinto significado psicológico subjacente a cada dimensão. Por outro lado, verificámos, ainda, que as variáveis por nós consideradas não apresentaram poder estatístico significativo nas dimensões da afetividade negativa e da não violência, que avaliam, respetivamente, a expressão de emoções de âmbito negativo e a inexistência de comportamentos agressivos da criança.

A análise do poder preditivo das variáveis revela que a variância da afetividade positiva das crianças é explicada em 36% (R^2 Ajustado = 32,3%) pelas variáveis, frequência de atividades extracurriculares ($\beta=.427$; $t=3.126$; $p=.004$) e pelo estilo parental autoritário ($\beta=-.364$; $t=-2.664$; $p=.012$), a última em sentido inverso.

Para a variável dependente *self*, o conjunto das variáveis mostra-se responsável por 36.9% (R^2 ajustado = 33.3%) da sua variância, recaindo o poder preditivo nas variáveis da realização de atividades educativas extracurriculares ($\beta=.405$; $t=2.896$; $p=.006$) e na satisfação com a vida expressa pelos progenitores ($\beta=.352$; $t=2.518$; $p=.017$).

Tabela 3 - Síntese das regressões múltiplas pelo método stepwise das variáveis estudadas no bem-estar subjetivo da criança.

Coeficientes de Determinação					Coeficientes de Regressão		
Variáveis Dependentes	R^2	R^2 Ajustado	F	R Mudança	Preditores	β	t
PA.C	.360	.323	9.838***	.255	AEC	.427	3.126**
				.114	EPA	-.364	-2.664**
NA.C	---	---	---	---	---	---	---
SV.C_S	.369	.333	10.240***	.255	AEC	.405	2.896**
				.114	SV.P	.352	2.518*
SV.C_SC	.117	.092	4.750*	.117	EPP	.341	2.179*
SV.C_NV	---	---	---	---	---	---	---
SV.C_F	.366	.329	10.084***	.278	EPP	-.535	-3.975***
				.087	EPD	.296	2.195*
SV.C_A	.206	.184	9.329**	.206	SV.P	.454	3.054**
SV.C_E	.617	.557	10.295***	.228	AEC	.261	2.061*
				.094	SV.P	.687	4.509***
				.129	TJI	-.412	-3.546***
				.091	EPD	.321	2.878**
				.074	NA.P	.351	2.484*

* $p<0.05$, ** $p<0.01$, *** $p<0.001$

Abreviaturas: R^2 = Coeficiente de determinação; F = valor de F corresponde a R^2 do bloco descrito; β = Coeficientes de regressão estandardizados; AEC = Atividades Extracurriculares; TJI = tempo no jardim de infância.

Fonte: Esta tabela resulta de colecta da amostra apresentada neste mesmo artigo.

O conjunto das variáveis mostra-se responsável por apenas 11,7% (R^2 ajustado=9,2%), da variável dependente *self* comparado e o poder explicativo estatisticamente significativo recai sobre uma variável, o estilo parental permissivo ($\beta=.341$; $t=2.179$; $p=.036$).

No caso da variável dependente família, o conjunto das variáveis mostra-se responsável por 36.6% (R^2 ajustado = 32.9%) da sua variância, em resultado do poder explicativo das variáveis do estilo parental permissivo ($\beta = -.535$; $t = -3.975$; $p < .000$), em sentido inverso, e do estilo parental democrático ($\beta = .296$; $t = 2.195$; $p = .035$).

Quanto à variável dependente amizade, observamos que o conjunto das variáveis se mostra responsável por 20.6% (R^2 ajustado = 18.4%) da variância na variável dependente, sendo que apenas uma variável, a satisfação com a vida dos pais ($\beta = .454$; $t = 3.054$; $p = .004$), apresenta valores estatisticamente significativos que explicam sua variância.

Por último, a Tabela 3 sumariza ainda os resultados da regressão múltipla para a variável dependente escola. O conjunto das variáveis mostrou-se responsável por 61% (R^2 ajustado = 55.7%) da variância na variável dependente. Observamos que as variáveis: frequência de atividades extracurriculares ($\beta = .261$; $t = 2.061$; $p = .047$), satisfação com a vida expressa pelos pais ($\beta = .687$; $t = 4.509$; $p < .000$), tempo de permanência no jardim-de-infância ($\beta = -.412$; $t = -3.546$; $p = .001$), estilo parental democrático ($\beta = .321$; $t = 2.878$; $p = .007$) e afetividade negativa dos pais ($\beta = .351$; $t = 2.484$; $p = .018$), explicam a maior parte da satisfação com a vida na dimensão escola.

Discussão e Conclusão

Através dos resultados obtidos, pudemos responder ao nosso primeiro objetivo, o qual pretendia avaliar o índice de bem-estar subjetivo de crianças em idade pré-escolar. Constatámos, assim, que o bem-estar subjetivo das crianças participantes deste estudo é positivo, apresentando uma predominância de afetividade positiva sobre a afetividade negativa e mostrando-se satisfeitas, em termos globais, em relação às suas vidas. Verificámos, ainda, que os pais participantes deste estudo revelam, igualmente, uma notória positividade ao nível das dimensões afetiva e cognitiva do bem-estar subjetivo, sugerindo que estes fazem uma avaliação positiva da sua própria vida, quer em termos da apreciação afetiva, quer ao nível da satisfação global com a mesma. Os resultados obtidos vão ao encontro dos estudos efetuados neste âmbito, que apontam para uma maior constância de relatos de emoções positivas do que negativas na população em geral (DIENER; LUCAS, 2000).

Outro objetivo a que nos propusemos foi o de caracterizar as práticas parentais dos pais de crianças em idade pré-escolar. Apurámos que entre os participantes da amostra deste estudo as práticas parentais mais utilizadas são as democráticas, correspondentes ao estilo parental democrático. Estes resultados indicam que esses pais são geralmente exigentes e atentos, simultaneamente controlando e apoiando os seus filhos, estabelecendo regras, mas também encorajando a sua autonomia e independência (MONTANDON, 2005). De acordo com a literatura, os pais 'democráticos' procuram direcionar as atividades da criança de uma forma racional, encorajam o diálogo e a troca de ideias e partilham com a criança as razões das regras familiares impostas, solicitando as suas objeções quando esta se recusa a se conformar. Park (2004) refere que o estilo parental democrático fomenta a maior satisfação com a vida na criança.

Dada a proximidade de idades (quatro e cinco anos), considerámos cientificamente infundado analisar a variância de resultados em função desta variável demográfica. A inexistência de diferenças estatisticamente significativas, em função do género, com exceção da diferença favorável aos meninos na dimensão da família, vem de encontro ao que esperávamos, dada a reduzida diferenciação de papéis sexuais nas crianças dessa idade. A dimensão da família avalia indicadores de ambiente familiar saudável e afetivo, bem como índices de satisfação quanto às brincadeiras. Então, parece-nos plausível considerar que esta diferença poderá decorrer da permeabilidade à variabilidade pontual, em conse-

quência de uma eventual sobrevalorização que alguns participantes do género masculino possam ter realizado na apreciação dos conteúdos dessa variável, numa amostra global de pequena dimensão. A fraca robustez estatística deste indicador e os fundamentos expressos na literatura revista levam-nos a não atribuir particular relevo a essa diferença.

Ao avaliarmos a associação entre o bem-estar subjetivo da criança com o bem-estar subjetivo dos pais, o terceiro objetivo que estabelecemos, concluímos que existe, na nossa amostra, uma moderada associação entre aquelas dimensões. Os sentimentos positivos dos pais em relação à avaliação subjetiva que fazem das suas vidas (afetividade positiva) e a sua satisfação com a vida em geral relacionam-se com as emoções positivas dos seus filhos (afetividade positiva) e com satisfação que eles expressam acerca das relações com os pares (amizade). A mesma satisfação dos pais associa-se de modo favorável à imagem positiva que as crianças têm de si próprias (*self*). Por outro lado, as emoções negativas dos pais (afetividade negativa) revelam-se inversamente associadas à afetividade positiva dos filhos.

Embora não tenham sido encontrados muitos estudos que verificassem esta relação de forma profunda, a literatura refere o impacto do ambiente familiar nos sentimentos de bem-estar da criança, sendo que a desarmonia familiar, quer seja por motivos de desentendimentos entre os pais, quer diretamente com a criança, é suficiente para lhe causar angústia, frustração e infelicidade (GIACOMONI, 2002; THOILLIEZ, 2011). As investigações de Lahikainen e colaboradores (2007) detectaram também factos bastante interessantes ao nível da relação entre o bem-estar dos pais e das crianças, demonstrando que estas são muito sensíveis ao estresse e à falta de bem-estar dos pais e estabelecendo uma clara ligação entre os comportamentos da criança e o estresse parental. Sendo a família, nos primeiros anos de vida, o domínio mais significativo para a satisfação de vida global das crianças (BRADSHAW et al., 2011; GIACOMONI, 2002), justifica-se a associação encontrada entre o bem-estar subjetivo das crianças e o bem-estar subjetivo dos seus pais.

Se, à análise efetuada, adicionarmos os resultados obtidos nas relações entre os estilos parentais e o bem-estar subjetivo da criança, verificaremos que o estilo parental autoritário se encontra negativamente associado à afetividade positiva das crianças, sugerindo que a adoção de um estilo parental assente em manifestações de poder e por reduzidos níveis de apoio e de envolvimento por parte dos pais tende a penalizar a expressão de emoções positivas por parte dos filhos. O mesmo estilo autoritário também apresenta uma associação inversa com a dimensão do *self* comparado, logo podendo agir por redutor do índice de satisfação com que os filhos apreciam as relações que estabelecem com os pares, nomeadamente nos domínios do lazer, da satisfação de desejos e de afetos, quando comparam-se com os seus amigos. Por último, o mesmo estilo parental democrático apresenta uma associação inversa com a dimensão do *self* comparado, logo podendo agir por redutor do índice de satisfação com que os filhos apreciam as relações que estabelecem com os seus pares, nomeadamente nos domínios do lazer, da satisfação de desejos e de afetos, quando comparam-se com o que acontece com os seus amigos. Julgámos que essa relação resultará do confronto entre os padrões firmes de controlo dos comportamentos dos seus filhos, característico do estilo parental democrático, com a tendência, que as crianças nestas idades apresentam, de desejarem ter e usufruir de tudo o que observam nas outras crianças no que respeita ao lazer e à satisfação de desejos, sem, contudo, estabelecerem um paralelo com o que já são beneficiárias e o que já usufruem e os outros não.

Ao nível da determinação dos preditores do bem-estar subjetivo, a análise quantitativa que efetuámos revela que os indicadores que determinam maior satisfação de vida nas crianças são diversos, mas relacionados com a família (e.g., satisfação com a vida dos progenitores), com as características do relacionamento parental (estilo educativo parental) e com o envolvimento da própria criança na educação pré-escolar, nomeadamente a participação em atividades educativas extracurriculares e o tempo de permanência no jardim-de-infância, neste caso revelando que o menor tempo de duração se associa a maior satisfação com a vida

da criança. Esses resultados parecem corroborar os estudos efetuados neste domínio (e.g., GASPAR et al., 2006; HUEBNER, 1991; PARK, 2004) que identificaram a vida familiar e as oportunidades de lazer como alguns dos principais domínios de satisfação de vida infantil. Os estudos de Thoilliez (2011) também revelaram que crianças associam a felicidade à vida familiar, sendo as relações familiares os fatores mais frequentemente mencionados como os principais responsáveis pelos seus estados de felicidade ou infelicidade.

Ao analisarmos, em detalhe, a influência dos estilos educativos parentais no bem-estar subjetivo de crianças em idade pré-escolar, o nosso quarto objetivo, verificámos influências, em sentidos opostos, de diferentes estilos educativos parentais e sobre várias componentes do bem-estar. O estilo parental autoritário associa-se, em sentido negativo, à afetividade positiva das crianças; o estilo parental permissivo apresenta uma influência positiva na dimensão do *self* comparado e uma associação, em sentido inverso, com a dimensão família na satisfação com a vida da criança, enquanto que o estilo parental democrático influencia esta mesma dimensão de modo positivo. Este último estilo parental contribui, ainda, para a explicação da variância da satisfação com a escola. Uma leitura mais superficial e breve às distintas influências dos três estilos parentais poderá sugerir que os resultados são contrários ao preconizado na literatura. Para além das características da nossa amostra não nos permitir contestar resultados obtidos por outros investigadores, nem permitirem a sua generalização, estamos convictos de que, por um lado, os resultados obtidos, quer em termos de tipo de associação quer quanto ao seu sentido, são coerentes com o significado das dimensões em análise e, consequentemente, não são contrários a outras evidências científicas.

Dentre os fatores estudados, a frequência de atividades extracurriculares destacou-se como a principal condição para o aumento da afetividade positiva das crianças. Para além dessa influência, a frequência de atividades extracurriculares e a satisfação com a vida dos pais apresentam poder preditivo na avaliação que a criança faz em termos do seu *self*, nomeadamente a sua autoestima, o humor e a sua capacidade de se relacionar e expressar afeto; e, também, na forma satisfatória como as crianças avaliam a escola, ou seja, a importância da escola e o seu ambiente, bem como os relacionamentos interpessoais que aquele contexto proporciona. Os resultados obtidos são coerentes com os mencionados nos estudos longitudinais referidos na revisão de literatura, os quais referem o contributo positivo da participação em atividades extracurriculares para a maior satisfação de vida nas crianças. Park (2004) menciona que a participação em atividades extracurriculares poderá prevenir problemas de internalização (depressão) e externalização (delinquência), especialmente no caso de crianças com relações parentais disformes. Porém, outros autores (e.g., LIPP; ARANTES; BURITI; WITZIG, 2002; PACCANARO; DI NUCCI, 2005) elucidam-nos para uma diferente perspectiva, referindo que a frequência de atividades em excesso poderá também constituir um fator promotor do estresse na infância, desencadeando sintomas como a ansiedade, as dificuldades nas relações interpessoais, desânimo, insegurança, agressividade, medo e tristeza. Estes aspectos são integralmente coerentes com o papel preditor, em sentido inverso, que o tempo de permanência no jardim-de-infância apresenta na explicação da satisfação com a escola. Tricoli (2000) acrescenta que a própria escola pode-se tornar uma fonte externa para o estresse, na medida em que a criança, obrigada a praticar várias atividades extracurriculares, experimenta um acúmulo e sobrecarga no seu dia a dia, sentindo-se cansada e desmotivada, por não ter tempo suficiente de viver a própria infância.

Relativamente ao *self* comparado, ou seja, às avaliações comparativas da criança em relação aos seus pares, relacionadas com o lazer, a amizade e a satisfação de desejos e de afetos, o poder preditivo significativo do estilo parental permissivo sugere que o comportamento não punitivo e de aceitação perante os impulsos, as vontades e ações da criança por parte dos pais, facilita o julgamento comparativo da criança. Estes resultados são consistentes com o observado anteriormente na correlação inversa entre esta dimensão, da satisfação com a vida, e o estilo parental democrático.

A satisfação das crianças referente à sua família aparece negativamente influenciada pelo estilo parental permissivo e, por outro lado, positivamente associado ao estilo parental democrático. Desse modo, as crianças do nosso estudo fazem um julgamento mais satisfatório relativamente à família quando a ação dos seus pais assenta no estabelecimento de padrões firmes de controlo dos comportamentos dos filhos e em elevados níveis de exigência, ou seja, padrões nos quais as expressões de afeto dos pais e as respostas que apresentam às necessidades da criança não assentam no não estabelecimento de restrições comportamentais. Assim, quanto menor for a frequência de comportamentos dos pais caracterizados por ações não punitivas e de aceitação perante os seus impulsos, vontades e ações, maior será a satisfação que a criança expressa quanto à sua família.

Por sua vez, o nível de satisfação da criança com os pares (dimensão amizade), aparece relacionado com a satisfação com a vida dos pais, sugerindo que a expressão de satisfação por parte dos seus pais favorece o relacionamento das crianças com os seus pares, nomeadamente, através de situações de lazer e de diversão com os amigos e, presumidamente, na presença dos próprios pais, dada a idade dos participantes no estudo.

Por fim, a satisfação das crianças na dimensão da escola surge associada ao conjunto mais extenso e diversificado de variáveis que considerámos no estudo. Por um lado, encontra-se positivamente associado ao participar em atividades educativas extracurriculares, à satisfação com a vida dos pais e ao estilo educativo democrático dos pais, conforme já descrito anteriormente. No entanto, encontra-se também associado à expressão de afetos negativos dos pais e, por outro lado, surge inversamente associada ao tempo passado no jardim-de-infância. Dessa maneira, os resultados que obtivemos parecem sugerir que: o contributo da participação em atividades extracurriculares advém da diversidade de conteúdos e de componentes lúdicos e didáticos que caracterizam essas atividades e não do aumento de tempo de permanência na escola que elas possam implicar. Sugerem, ainda, que o investimento do tempo de educação pré-escolar deve incidir no fortalecimento de laços afetivos consistentes e prazerosos.

Apesar de diversos investigadores defenderem que a quantidade e qualidade de tempo dedicado pelos pais ao cuidado e relacionamento com os seus filhos constituem fatores fundamentais para a satisfação de vida e o bem-estar das crianças, bem como para o seu desenvolvimento cognitivo e saúde (e.g., GIACOMONI, 2002; GOSWAMI, 2012; LAHIKAINEN et al., 2007; PARK, 2004), os resultados que obtivemos não vão nesse sentido, uma vez que as variáveis tempos de interação entre pais e filhos, diariamente e no fim de semana, não apresentaram uma influência com poder estatístico significativo. Todavia, dadas as características da amostra, considerámos não existirem fundamentos para que se possa contestar ou infirmar o mencionado pelos autores citados acima. Tratar-se-á, provavelmente, de um episódio isolado.

Lançámo-nos neste desafio, alavancados no interesse pelo estudo do bem-estar subjetivo da criança, procurando auscultar as percepções da criança quanto ao modo como vê a si mesma e aos outros, assim como à forma como autoavalia a sua vida. Assumindo que, nos primeiros anos de vida da criança, a família e a educação pré-escolar exercem um papel fundamental, constituindo dois alicerces da sua estrutura emocional e cognitiva (bem-estar subjetivo). Quisemos compreender, de modo mais objetivo, qual o impacto dos estilos educativos parentais e do bem-estar subjetivo dos pais, bem como da participação da criança na educação pré-escolar, no bem-estar subjetivo da criança.

Suportados na literatura revista, os resultados que obtivemos nos permitem concluir que existe uma relevante associação entre níveis de bem-estar subjetivo das crianças e o dos seus pais, a que se associam influências, quer do estilo educativo parental quer da participação da criança na educação pré-escolar. Embora, pelos resultados obtidos tenhamos constatado que as práticas parentais não desempenham um papel significativo uniforme nas diversas dimensões do bem-estar subjetivo da criança, os resultados obtidos

salientam a importância das práticas educativas associadas ao estilo parental democrático na promoção do bem-estar, da satisfação e do desenvolvimento da criança. Creemos que o tempo passado no jardim-de-infância e a frequência de atividades extracurriculares, sendo fatores que aparentam contributos distintos no bem-estar subjetivo da criança, deverão ser ponderados pelos cuidadores, nomeadamente pais e educadores, procurando um equilíbrio entre diversidade de atividades e duração da permanência na instituição de educação pré-escolar. É de extrema importância que a criança saiba estar consigo mesma, sentindo-se bem e tenha tempo para a criatividade e a produção de novas ideias, as quais precisam de espaços vazios para se manifestar.

Referências

BAIÃO, Cátia Fortunato. *Aliança Parental e Estilos Parentais em Famílias com e sem crianças autistas*. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

BAUMRIND, Diana. Effects of Authoritative parental control on child behaviour. *Child Development*, v. 37, n. 4, p. 887-907, 1966.

_____. The discipline controversy revisited. *Family relations*, v. 45, n. 4, p. 405-414, 1996.

BORGES, Isabel Cristina. *Qualidade da Parentalidade e Bem-estar da criança*. Dissertação (Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia Pedagógica) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

BRADSHAW, Jonathan; KEUNG, Antonia; REES, Gwyther; GOSWAMI, Haridhan Children's subjective well-being: International comparative perspectives. *Children and Youth Services Review*, v. 33, n. 4, p. 548-556, 2011.

BRÁS, Patrícia Maria. *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais*. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

CHAMBERS, Christine T.; JOHNSTON, Charlotte. Developmental Differences in Children's Use of Rating Scales. *Journal of Pediatric Psychology*, v. 27, n. 1, p. 27-36, 2002.

CORREIA, Ana Raquel. *Diferenças entre pais e mães, filhos e filhas nos estilos parentais*. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

DELLE FAVE, Antonella; MASSIMINI, Fausto; BASSI, Marta. *Psychological selection and optimal experience across cultures: Social empowerment through personal growth* (Vol. 2). Dordrecht, NL: Springer, 2011.

DIENER, Ed; EMMONS, Robert A.; LARSEN, Randy J.; GRIFFIN, Sharon. The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, v. 49, n. 1, p. 71-75, 1985.

DIENER, Ed; LUCAS, Richard E. Personality and subjective well-being. In: KAHNEMAN, Daniel; DIENER, Ed; SHWARZ, Norbert (Edits.). *Well-being: The foundations of hedonic psychology*. New York: Russel Sage Foundation, 1999. p. 213-229.

DIENER, Ed; LUCAS, Richard E. Subjective emotional well being. In: LEWIS, Michael; HAVILAND, Jeannette M. (Edits.). *Handbook of Emotions (2nd Edition)*. New York: Guilford, 2000. p. 325-337.

DIENER, Ed; SUH, Eunkook M.; LUCAS, Richard E.; SMITH, Heidi L. Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological bulletin*, n. 125, v. 2, p. 276-302, 1999.

DIENER, Ed; SUH, Eunkook; OISHI, Shieghiro. Recent findings on Subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, v. 24, n. 1, p. 25-41, 1997

FERREIRA, Heraldo Simões. *Percepção sobre qualidade de vida entre crianças de 4 a 6 anos: educação (física) em saúde na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação em Saúde) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2005.

- GABLE, Shelly L.; HAIDT, Jonathan. What (and Why) is Positive Psychology? *Review of General Psychology*, v. 9, n. 2, p. 103-110, 2005.
- GALINHA, Iolanda Costa; PAIS-RIBEIRO, José Luís. Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, v. 23, n. 2, p. 219-227, 2005.
- GASPAR, Tânia, MATOS, Margarida Gaspar de; RIBEIRO, José Luís Pais; LEAL, Isabel. Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 2, n. 2, p. 47-60, 2006.
- GIACOMONI, Claudia Hofheinz. *Bem-estar subjetivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação*. Tese (Doutoramento em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- GOSWAMI, Haridhan. Social Relationships and Children's Subjective Well-Being. *Social Indicators Research*, v. 107, n. 3, p. 575-588, 2012.
- HOLDER, Mark D.; KLASSEN, Andrea. Temperament and Happiness in Children. *Journal of Happiness Studies*, v.11, n. 4, p. 419-439, 2010.
- HUEBNER, E. Scott. Correlates of life satisfaction in children. *School Psychology Quarterly*, v. 6, n. 2, p. 103-111, 1991.
- _____. *Manual for the Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale*. Columbia: University of South Carolina, Department of Psychology, 2001.
- LAERHOVEN, H. van; ZAAG-LOONEN, Hester Josephine van der; DERKX, Bert H. F. A comparison of Likert scale and visual analogue scales as response options in children's questionnaires. *Acta Paediatrica*, v. 93, n. 6, p. 830-835, 2004.
- LAHIKAINEN, Anja Riitta; TOLONEN, Kari; KRAAV, Inger. Young Children's Subjective Well-Being and Family Discontents in a Changing Cultural Context. *Child Indicators Research*, v. 1, n.1, p. 65-85, 2007.
- LINLEY, P. Alex; JOSEPH, Stephen; HARRINGTON, Susan; WOOD, Alex M. Positive Psychology: Past, present, and (possible) future. *The Journal of Positive Psychology*, v.1, n. 1, p. 3-16, 2006.
- LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; ARANTES, João Pedro; BURITI, Maria do Socorro; WITZIG, Telma. O estresse em escolares. *Psicologia escolar e educacional*, v. 6, n. 1, p. 51-56, 2002.
- MIGUEL, Isabel; VALENTIM, Joaquim Pires; CARUGATI, Felice. Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – adaptação portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – short form. *Psychologica*, v. 51, p. 169-188, 2009.
- MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Educação e Sociedade*, v. 26, n. 91, p. 485-507, 2005.
- PACANARO, Sílvia Verônica; DI NUCCI, Eliane Porto Estresse infantil: uma comparação entre meninos e meninas do ensino fundamental. *Argumento*, n. 13. v. 1, p. 65-76, 2005.
- PARK, Nansook. The Role of Subjective Well-Being in Positive Youth Development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 591, n. 1, p. 25-39, 2004.
- PASSARELI, Paola Moura; SILVA, José Aparecido da. Psicologia Positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*, v. 24, n. 4, p. 513-517, 2007.
- POLLETO, Michele. Bem-estar subjetivo: um estudo longitudinal com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Tese (Doutoramento em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- PRIETO-URSÚA, María. Psicologia Positiva: una moda polémica. *Clínica y Salud*, v. 17, n. 3, p. 319-338, 2006.
- REES, Gwyther; BRADSHAW, Jonathan; GOSWAMI, Haridhan; KEUNG, Antonia. *Understanding Children's Well-being: A national survey of young people's well-being*. London: The Children's Society, 2010.
- ROSENBERG, Amy. Relative Happiness. *Psychology Today*, v. 43, n. 4, p. 62-70, 2010.

- SALVADOR, Ana Paula Viezzler; WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 341-353, 2005.
- SALVO, Carolina Guisantes de; SILVARES, Edwiges Ferreira de Matos; TONI, Plínio Marco de. Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia*, v. 22, n. 2, p. 187-195, 2005.
- SAMPAIO, Isabela T. A. Práticas educativas parentais, gênero e ordem do nascimento: atualização. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 17, n. 2, p. 144-152, 2007.
- SELIGMAN, Martin E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Positive Psychology. *American Psychologist*, v. 55, n. 1, p. 5-14, 2000.
- SHELDON, Kennon M.; KING, Laura. Why Positive Psychology is Necessary. *American Psychologist*, v. 56, n. 3, p. 216-217, 2001.
- SIMÕES, António. Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, v. 26, n. 3, p. 503-515, 1992.
- SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias; PADOVAM, Valquiria Aparecida Rossi. Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 201-209, 2008.
- SIXSMITH, Jane; GABHAINN, Saoirse Nic; FLEMING, Collette; O'HIGGINS, Siobhan. Children's, Parents' and Teachers' Perceptions of Child Wellbeing. *Health Education*, v. 107, n. 6, p. 511-523, 2007.
- TERRY, Tara; HUEBNER, E. Scott. The relationship between self-concept and life. *Social Indicators Research*, v. 35, n. 1, p. 39-52, 1995.
- THOILLIEZ, Bianca. How to Grow up Happy: An Exploratory Study on the Meaning of Happiness from Children's Voices. *Child Indicators Research*, v. 4, n. 2, p. 323-351, 2011.
- TRICOLI, Valquiria Aparecida Cintra. A criança e a escola. In: LIPP, Marilda E. Novaes (Org.). *Crianças Estressadas: Causas, sintomas e soluções*. Campinas: Papirus Editora, 2000. p. 123-148.
- WATSON, David; CLARK, Lee Anna; TELLEGEN, Auke. Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 54, p. 6, p. 1063-1070, 1988.
- WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; PRADO, Paulo Muller; VIEZZER, Ana Paula; BRANDENBURG, Olivia Justen. Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.